



BRASILIANAS

William França | brasilianas.cm@gmail.com

Há 49 anos, a Fazendinha JK (ainda) espera ter seu real valor reconhecido

Localizada em Luziânia (GO), a última morada de Juscelino Kubitschek já teve negada pelo Iphan (por três vezes) o pedido para ser tombada como Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural. Apesar de guardar, com fidelidade, um legado imensurável de um importante período da história de Brasília e de JK

Hoje, dia 22 de agosto, completam-se 49 anos da morte de Juscelino Kubitschek de Oliveira, o Presidente JK, num acidente na Via Dutra em Resende, no Rio de Janeiro.

“Brasilianas” aproveita a data não para comemorar (por razões óbvias!), mas para trazer aos leitores a história de um sonho do “Presidente Bossa-Nova” que foi interrompido por conta de sua morte trágica: a de ver o Cerrado brasileiro se transformar num celeiro de produção de alimentos. Tal qual ele se tornou hoje.

Toda essa história passa por um terreno de 27 alqueires, localizado há 20 quilômetros do centro de Luziânia (GO): a Fazendinha JK. Vou tentar contá-la, de uma forma mais resumida.

Em 1969, JK tentou vir a Brasília, em plena ditadura militar. Ele queria ver como estava “sua terceira filha” (as duas primeiras eram Márcia e Maristela Kubitschek), mas ao saber que no avião estava o ex-presidente, os controladores de voo (militares) impediram o pouso da aeronave.

Já estava anoitecendo e o piloto buscou pousar num aeródromo que ficava na zona rural de Luziânia (era o mais próximo). Foi preciso até que alguns carros ligassem os faróis para orientar o pouso.

Após a primeira noite, Juscelino se interessou pela região e depois quis conhecer um local que, segundo lhe contaram, de noite era possível enxergar as luzes de Brasília. O local fica a dois quilômetros da sede e é conhecido como “mirante da fazenda”. De lá, é possível (até hoje) ver as luzes da Capital brilharem ao anoitecer...

Este mirante ficava dentro das terras da então Fazenda Santo Antônio da Boa Vista, que tinha 310 alqueires.

JK encantou-se com lugar. Porque, de lá, ao longe, poderia mesmo observar a cidade que ele sonhou e construiu, mas que lhe era proibida a entrada pela ditadura militar. As luzes que ele via eram as da rodovia que chega ao aeroporto de Brasília - curiosamente, o mesmo aeródromo que hoje leva o seu nome: Aeroporto JK.

O presidente então fez uma proposta de compra ao dono do terreno. “Naquela



O casal Antônio e Rosana Servo repete a foto na mesa de pedra, que é o mesmo local...



A Mercedes 1963, que seria usada na campanha

época, ninguém queria terras nessa área. Os anúncios diziam: ‘Vende-se uma terra com a cerca dentro’, pois o que valia era a cerca, não o terreno”, conta Rosana Servo - uma personagem que daqui a pouco voltará a esta narrativa.

Juscelino comprou as terras, começou a fazer sua casa em 1972 e rebatizou carinhosamente o lugar: “Fazendinha JK”.

Local serviu para experimentos agrícolas

O historiador Elias Manoel da Silva, servidor do Arquivo Público do DF e um apaixonado pela Fazendinha, conta que a ideia de JK ao comprar as terras era a de quebrar mais um tabu. Assim como lhe havia sido dito que ele não conseguiria fazer uma cidade no centro do país, também lhe foi dito que as terras do Cerrado não eram produtivas.

e que a gente consiga tombar todo esse patrimônio, tanto pelo seu valor arquitetônico, paisagístico e artístico, como pela representatividade e importância histórica dela, do que representa para Brasília e para o seu criador, Juscelino.

Rosana Servo enumera algumas “preciosidades” do lugar:

O projeto da casa principal é de Oscar Niemeyer e é seu único obra edificada numa área rural, no mundo.

No mirante da fazenda, após a morte de JK, o jornalista Adolfo Bloch (amigo de JK) reuniu doações e construiu lá a réplica da capela do Palácio da Alvorada, outro projeto de Niemeyer. JK sonhava reproduzir a capela e dedicá-la à sua mãe, Júlia Kubitschek, mas só conseguiu erguer um cruzeiro (que ainda está lá).

Dentro da capela, a imagem de Santa Julia foi feita por Alfredo Ceschiatti, o mesmo artista que fez os anjos da Catedral de Brasília, entre outras obras únicas.

Os vitrais da capela são de Marianne Peretti, a mesma que assina os vitrais da Catedral e de outros monumentos de Brasília, como o Panteão da Pátria.

Mas antes mesmo de comprar essas terras em Luziânia (ainda em 1965), quando JK planejava concorrer novamente à Presidência da República (as eleições seriam naquele ano, mas foram canceladas devido ao golpe militar de 1964), ele tinha em mente conseguir desenvolver a agricultura na região central do país.

Segundo Elias, se nas eleições de 1955 (que o levaram à Presidência) o mote da campanha foi o desenvolvimento industrial, com a proposta de avançar “50 anos em 5”, na campanha de 1965 JK planejava propor o desenvolvimento mais voltado para estruturas de base. “Ele queria fazer uma campanha mostrando o potencial incrível do país para a agricultura - o que incluía o então inapropriado e desvalorizado Cerrado”, afirma o historiador.

Na Fazendinha, Juscelino chamou amigos da Embrapa, que fizeram a cor-

O paisagismo em torno da casa é de Burle Marx, o mesmo que assina os jardins da Capital Federal, como os do Palácio do Itamaraty e da Câmara dos Deputados.

A biblioteca possui 2.800 livros que compunham o acervo pessoal de JK. Muitos deles têm anotações, bilhetes e dedicatórias dirigidas a ele. Há exemplares de obras raras, como a primeira edição de “O Poder do Pensamento Positivo”, de Norman Vincent Peale, publicado originalmente em outubro de 1952, que virou um best-seller mundial. Além de inúmeros livros de autores brasileiros, com dedicatórias a JK.

Há obras de arte de importantes artistas modernistas (que, por razão de segurança, a proprietária prefere não divulgar). Mas a lista que foi apresentada à coluna indica: são realmente importantes.

No quarto, existe a cama que pertenceu ao casal JK quando do seu casamento, em 1931 - inclusive com o enxoval de cama. O móvel tem 96 anos.

Na cozinha, a louça tem o monograma do casal JK bordado a ouro, também presente de casamento.



A casa principal da Fazendinha JK é projeto de Oscar Niemeyer, cercada por jardins de Burle Marx



... em que Juscelino Kubitschek e Dona Sarah fizeram esta foto, entre 1974 e 1976



Dona Sarah exibe café que foi plantado por JK na Fazendinha, demonstrando a potencialidade agrícola do cerrado

reção do solo, e lá conseguiu plantar com sucesso soja, café e trigo. “Ainda hoje temos 17 pés de manga Haden, plantadas por ele. Essa manga tem a polpa alaranjada, muito doce e sem fibras. Ele queria produzir em escala para exportar a fruta”, completa Rosana Servo.

Outra: JK cercou toda a fazenda com pés de eucalipto, de onde pretendia tirar a lenha para produzir álcool a partir de uma usina de beneficiamento de mandioca.

“Ele era muito inteligente, viajado e estudioso. Viu que em outros lugares do mundo plantavam até na areia. JK tinha ideia de fazer experimentos no cerrado, que é ácido e pouco orgânico, mas ele queria provar que a região poderia ser celeiro de riquezas agrícolas”, completa Elias.

JK, o presidente que interiorizou o país, sendo visionário mais uma vez, podemos dizer assim?

Na garagem, tem uma Mercedes 1963 que JK e um grupo de amigos compraram, já pensando em usá-la na campanha de 1965 (depois, o carro seria rifado para pagar dívidas de campanha). O carro chegou ao Brasil em janeiro de 1964, mas em 14 de junho de 1964 a ditadura militar cassou os direitos políticos de JK. O carro permanece sem uso, até hoje.

Visitação

O local está aberto a visitas (agendadas), de terça a domingo. É cobrado ingresso, que tem preço variado de acordo com o passeio pretendido.

Tanto pode ser apenas a visitação guiada pela casa principal quanto incluir um café com guloseimas goianas, feitas pela anfitriã Rosana, e um passeio pela propriedade. Para grupos mínimos de 15 pessoas, é possível organizar também um almoço com comida típica goiana.

Informações e agendamentos pelo WhatsApp (61) 9 9845.9030 ou pelo Instagram @fazendinhajk (cuidado porque há vários perfis semelhantes). Também há um canal no YouTube, que reúne os vídeos sobre o local.

Há 18 anos, nenhum técnico do Iphan visita o local

Parece inacreditável, mas a última vez que algum técnico ligado ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o Iphan, esteve na Fazendinha JK está para completar duas décadas.

E o órgão foi consultado pela família, oficialmente, por três vezes, se poderia ser estudado o seu tombamento. Por três vezes, o Iphan negou.

“Eles afirmaram que que não veem apelo histórico, cívico ou cultural aqui na Fazendinha JK. Não sei se eles entenderam mesmo o valor deste local”, complementa a proprietária.

Mas a coisa pode ainda piorar, caro leitor. Segundo o casal Servo, nenhum governador - seja de Goiás ou do Distrito Federal - esteve lá nas últimas três décadas.

“É algo inexplicável”, confidencia a gestora do espaço, com ares de incredulidade. “É tão perto de Brasília, o acesso é fácil. Mas ninguém vem, nem para prestigiar o fundador de Brasília.”

Segundo ela, Goiás diz que a responsabilidade por cuidar de lá é de Brasília, pois faz parte da história da Capital Federal. Já o DF diz que não pode fazer nada, porque a Fazendinha JK está em solo goiano. E neste “ninguém pode, ninguém faz”, o local está ao largo dos cuidados oficiais...

A coluna pergunta sobre a visita dos parentes de JK, como netos e bisnetos. “A Ana Cristina Kubitschek, que é esposa do Paulo Octávio e responsável pelo Memorial JK, passou parte da infância por aqui. Mas a gente não tem recordação de ela voltando por aqui”, afirma Rosana.

Ano que vem, completam-se 50 anos da morte de JK. O casal Servo ainda não pensou em nenhum evento para marcar esta data (“A gente sempre comemora é o aniversário dele, em 12 de setembro”), mas sonha com a possibilidade de a última residência do presidente Juscelino Kubitschek se tornar patrimônio. “Imagina... Seriam as melhores bodas de ouro possíveis. Seria uma linda homenagem a mais este sonho de JK”, confidencia.

“Brasilianas” aqui faz votos que “Oxalá, assim o seja!”